

UM ESTUDO SOBRE RETÓRICA E SUBJETIVAÇÃO HUMANA SEGUNDO MUDANÇAS HISTÓRICAS NA OBRA 'UTOPIA'

Maria Eduarda Hernandez Monteagudo Laravia (PIBIC/CNPq), Terezinha Oliveira (Orientadora). E-mail: toliveira@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas, Educação, História da Educação

Palavras-chave: Formação humana; Thomas More; Transformação Social.

RESUMO

A formação da subjetividade humana está ligada ao contexto histórico e social, sendo influenciada por relações, cultura e formas de produção material. Nos séculos XV e XVI, a ascensão do capitalismo rompeu com a lógica feudal, centrada na coletividade, e passou a valorizar a individualidade, impactando nas relações humanas e nos seus valores, valores éticos e morais. Nesse cenário, Thomas More (1478–1535), em *Utopia*, descreve uma sociedade idealizada para criticar as novas formas de subjetivação e denunciar as mazelas do sistema. O objetivo dessa pesquisa foi analisar, em consonância com a obra, como as mudanças no modo de produção transformaram a subjetividade, no início da modernidade, sendo isso realizado por meio de uma pesquisa teórico-conceitual fundamentada em leituras da obra, livros e artigos.

INTRODUÇÃO

O período que marcou o fim da Idade Média e o início da Modernidade, denominado por Huizinga de “outono da Idade Média”, trouxe transformações econômicas, sociais e no modo como o ser humano passou a compreender a si e o meio em que vivia. Nesse contexto, a subjetividade e o processo de subjetivação também sofreram mudanças. Na sociedade medieval, as funções do clero, nobres e servos eram complementares e interdependentes, legitimadas pelo catolicismo, de modo que a vida cotidiana era orientada por exigências coletivas, e não por projetos pessoais.

No século XI, transformações sociais e econômicas modificaram esse cenário: o avanço da técnica agrícola, a intensificação do comércio e a formação do mercado abriram espaço para desejos e vocações pessoais, divisão do trabalho e crescimento das cidades. Com isso, a organização social rompeu com a antiga codependência e, com o surgimento dos estados nacionais, a sobrevivência deixou de estar atrelada ao grupo.

Diante dessas mudanças, a Igreja, antes uma das principais instituições de coesão social, perde gradualmente seu espaço de influência. No período medieval, a igreja apresentou um papel importante no desenvolvimento intelectual dos indivíduos,

especialmente por meio da escolástica, que valorizava a razão como caminho para o bem comum. No entanto, com o advento da sociedade moderna e do modelo capitalista, ela perde seu domínio, deixando a nova sociedade que emergia desprovida de referências claras para o desenvolvimento moral e ético que guiam a subjetivação humana.

Um dos episódios que ilustra as consequências desse novo panorama, foi a expropriação dos camponeses de sua base fundiária, que ocorreu no século XV, momento em que as transformações começaram a se tornar mais evidentes. Marx (1985), ao abordar cada fase desse processo, ilustra as consequências da retirada do povo de suas terras, que foram cercadas e transformadas em pasto. Como resultado, ele coloca o surgimento de uma massa marginalizada nas cidades, que desprovida de condições básicas de subsistência, passou a roubar e viver de esmolas.

Com base nessa análise, torna-se pertinente abordar a obra *Utopia* (2018) de Thomas More (1478- 1535), em que o autor faz uma crítica à sociedade inglesa do final do século XV e início do século XVI, em que vivia. Na obra, ao retratar uma ilha utópica em que todas as ações e comportamentos são feitos sempre priorizando o bem comum. More busca ilustrar ao leitor como a sociedade capitalista moderna e sua organização se destoam desse ideal. A partir disso, o objetivo dessa pesquisa é compreender segundo a obra, a Utopia, de Thomas More, como no início da modernidade, as mudanças no modo material de produção da vida modificaram a condição de subjetivação dos homens.

REVISÃO DE LITERATURA

A pesquisa realizada foi de natureza teórico-conceitual, uma vez que essa se caracteriza pela interpretação de determinado texto ou teoria, com o intuito de produzir a partir da relação entre autor, leitor e obra um significado para o conceito que está sendo analisado. Para que as ideias de Thomas More, em *Utopia*, possam ser sistematizadas, será realizada a leitura completa do livro e suas principais informações serão organizadas em três quadros referentes às diferentes partes da obra.

Além disso, a fundamentação teórica seguiu os princípios da História Social, no que diz respeito principalmente aos conceitos de Longa Duração e Totalidade. Apresentar uma leitura de longa duração significa compreender um acontecimento histórico como um fenômeno complexo, que para ser entendido exige uma investigação de fenômenos passados e temporalmente distantes. Junto a isso, a fim de proporcionar maior contextualização sobre a temática, serão analisadas também outras obras como livros historiográficos e obras literárias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender a crítica que Thomas More promove em sua obra e suas considerações sobre o recém-homem moderno, é necessário, primeiramente, ter clareza sobre dois aspectos. O primeiro trata-se da compreensão do conceito de subjetivação. Já o segundo, diz respeito à necessidade de se contextualizar,

historicamente, os eventos e acontecimentos políticos que marcaram o final do século XV e início do XVI, principalmente em relação à ascensão do modelo capitalista.

O conceito de subjetivação, a partir de Michel Foucault pode ser compreendido como as condutas e os processos sociais que moldam os sujeitos em um determinado contexto e espaço, juntamente com as práticas que os sujeitos (individuais ou coletivos) realizam sobre si, sendo influenciados pelo ambiente cultural, social e institucional (Neto, 2017). Tendo, isso em vista, torna-se pertinente compreender qual era o contexto que marcava a vida social do indivíduo europeu do final do século XV e início do século XVI, para ser possível compreender sobre quais cenários a sua subjetividade se formou.

O período histórico em que esse momento se encontra, foi marcado justamente pela formação do sistema capitalista. Marx (1985) ao escrever sobre o início do capitalismo, através da história da Inglaterra, indica que este teve seu surgimento a partir da decomposição do sistema feudal, por meio de um processo denominado acumulação primitiva. Segundo o autor, a acumulação primitiva consistiu no movimento de retirada dos meios de subsistência dos trabalhadores rurais, e sua consequente transformação em trabalhadores assalariados.

O resultado desse processo foi a transformação das terras que serviam de moradia e subsistência em grandes áreas de terrenos cercados, que passaram a ser destinados à agropecuária e produção de lã. Junto a isso, formou-se nas cidades uma massa de proletários urbanos, os quais passaram a viver em situação de miséria, considerando que não havia oportunidades de trabalho para todos. Para garantir a própria sobrevivência, muitos passaram a roubar e viver de esmolas, o que trouxe como consequência a criação da "legislação sanguinária". A legislação sanguinária consistiu em um conjunto de leis punitivas que prescreviam açoites, mutilações, escravidão e até pena de morte àqueles que fossem pegos roubando ou vivendo nas ruas.

Em Utopia (2018), Thomas More já problematiza esse acontecimento, na primeira parte do livro, o autor ironiza a contradição do sistema apontando que a sociedade cria ladrões, os retirando todas as condições de subsistência e depois os pune severamente por isso. Outro fator que foi motor do processo de expropriação de terras, que transformou o cenário do século XVI, foi a Reforma Protestante. Até este momento, a Igreja Católica detinha grande parte da propriedade feudal e da base fundiária inglesa (Marx, 1985), contudo, a partir das medidas tomadas pela Reforma, a igreja teve grande parte dos seus bens confiscados, para além das terras, vários mosteiros e construções foram destruídas.

No entanto, não foram apenas bens materiais que a igreja perdeu, mas também sua influência sobre a sociedade. No início da Idade Média, século V, o sistema municipal na Europa se encontrava em decadência e o feudal ainda em formação. A igreja, em contrapartida, se caracterizava como uma instituição completa, estruturada e independente sendo capaz de oferecer ordem por meio de dogmas e credos à população. Além disso, a violência era o que mais prevalecia nos governos temporais, o que fazia com que o povo clamasse por uma instituição que pudesse lhe oferecer amparo. Acerca disso, Guizot (1997) aponta que quando a liberdade falhou para a humanidade, a religião foi capaz de substituí-la de modo necessário. A

igreja, portanto, não se tratava apenas de um sistema religioso, mas apresentava a função de sociedade eclesiástica, tendo influência tanto sobre os indivíduos quanto sobre o poder temporal.

A partir do fim do século XV e início do XVI, porém, a força da igreja sobre o estado e sobre o indivíduo, já não era a mesma. A reforma protestante e a formação dos estados nacionais, junto às mudanças sociais e econômicas, fizeram com que a ela perdesse sua influência. O novo modelo socioeconômico e as novas formas de relações que ele estabelecia entravam em contraste com o controle moral da instituição religiosa. Na Idade Média, tanto o pensamento quanto a consciência do homem estavam submetidos a um governo de ordem espiritual, algo que no homem do mundo moderno já não existia.

CONCLUSÕES

A análise feita nos permite concluir que a formação da subjetividade do homem moderno, desde o início do sistema capitalista, foi marcada principalmente pela perda de valores coletivos e pela valorização de interesses individuais. Na obra *Utopia* (2018), Thomas More evidencia esse cenário por meio de uma análise crítica. Além disso, o enfraquecimento da igreja como uma sociedade eclesiástica, fez com que a sociedade moderna se constituísse sem princípios éticos e morais norteadores em um sentido mais geral e universal, os quais consideramos centrais na formação da subjetivação humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo auxílio financeiro e a minha orientadora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade (GTSEAM), o qual nutro profundo afeto por sua importância em minha formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

MARX, K. A. A assim chamada acumulação primitiva. *In*: MARX, K. A. **O Capital**. 2. ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1985. p.339-381.

MORE, T. **Utopia**. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

NETO, J. L. F. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. **Rev. Polis e Psique**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 7–25, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v7n3/n7a02.pdf>

GUIZOT, F. **The History of Civilization in Europe**. 1.ed. Londres: Penguin Books, 1997.